

DECOLONIZANDO O OLHAR – ANÁLISE DE IMAGENS CRIADAS POR COLETIVOS DIGITAIS CONTRA A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA UNIVERSIDADE*

DECOLONIZING THE GAZE - ANALYSIS OF IMAGES CREATED BY DIGITAL COLLECTIVES AGAINST GENDER VIOLENCE AT THE UNIVERSITY

Maria Inês Almeida Godinho¹

RESUMO: A universidade tem se mostrado um local de formas de violências relacionadas ao gênero e suas interseccionalidades que atinge alunas, alunos e alunes. Para dar visibilidade a essas agressões, estudantes das três universidades públicas estaduais paulistas (UNESP, USP e UNICAMP) estão se mobilizando e criando coletivos em redes sociais digitais onde compartilham textos e imagens - produzidas ou repostadas de outras fontes - cujo intuito é revelar sua luta em construir espaços acadêmicos livres de discriminações. O objetivo é analisar essas peças visuais – ilustrações e fotografias - criadas para as plataformas *Facebook* e *Instagram*, a fim de compreender se essas imagens têm a intenção de “descolonizar o olhar”, isto é, se desconstruem as lógicas colonialistas de percepção dos corpos, dos gêneros e das sexualidades. Esta pesquisa está baseada no conceito de decolonização do olhar, conforme descrito pelos autores latino-americanos Barriendos (2019), León (2012) e Schenkler (2019; 2017;2016; 2012).

PALAVRAS-CHAVE: Violência de gênero. Universidade. Coletivos universitários. Decolonização do olhar.

ABSTRACT: The University has shown itself a place of forms of violence related to gender and its intersectionalities that affect all students. To give visibility to these attacks, alumnus from the three public universities in São Paulo (UNESP, USP and UNICAMP) are mobilizing and creating collectives in digital social networks where they share texts and images - produced or reposted from other sources - whose aim is to reveal their struggle in building academic spaces free of discrimination. The objective is to analyze these visual pieces - illustrations and photographs - created for Facebook and Instagram platforms, in order to understand if these images are intended to “decolonize the look”, that is, if they deconstruct the colonialist logics of perception of bodies, of genders and sexualities. This research is based on the concept of decolonization of the gaze, as described by Latin American authors, like Barriendos (2019), León (2012) and Schenkler (2019; 2017; 2016; 2012).

KEYWORDS: Gender violence. University. University collectives. Decolonization of the look.

<http://doi.org/10.36311/2447-780X.2022.v8esp2.p29>

INTRODUÇÃO

O objetivo principal dos coletivos contra a violência de gênero e suas interseccionalidades criados por estudantes das três universidades públicas estaduais paulistas (USP, UNESP e UNICAMP) é desmontar as estruturas acadêmicas que perpetuam os abusos físicos, morais, sexuais e psicológicos das quais alunas, alunos e alunas são alvo por parte de colegas, professores e funcionários. Uma das estratégias para conseguir maior visibilidade para suas lutas é compartilhar imagens que narrem essas agressões em suas páginas e perfis das redes sociais *online*, *Facebook* e *Instagram*.

Essas imagens também são a saída encontrada pelos estudantes para expressar sua indignação com um problema que quase nunca é resolvido pelas instituições de ensino, muito ao contrário. As queixas costumam ser minimizadas ou simplesmente apagadas, seja por desinteresse em modificar a estrutura de poder ou por receio de expor a universidade.

Neste artigo, analiso se essas imagens produzem representações legítimas de seus corpos e sexualidades, ou seja, se elas traduzem as discriminações e agressões sofridas na universidade, ou, se ao contrário, inconscientemente reforçam valores e estereótipos concretizados no imaginário colonial transmitido pela mídia e outras mediações.

Em minha percepção, estas mensagens imagéticas devem questionar a produção de sentido do legado visual colonial, assim construindo novas formas de “ver” a diversidade que habita a universidade, tirando-a da invisibilidade institucional.

DECOLONIZAR O OLHAR

O termo “decolonizar o olhar” surgiu da necessidade de se pensar estratégias de desconstrução de modelos de existir impregnados no imaginário visual pelo padrão de ser e existir eurocêntrico. Trata-se de uma proposta de criação visual que se insere nos estudos do giro decolonial, método analítico que se volta contra esse modelo moldado pelos colonizadores e busca as raízes desse poder que reforça as hierarquias, e, conseqüentemente, as discriminações em torno dos marcadores da diferença, entre eles o gênero, a raça, a classe social e a religião.

Como aponta Mignolo (2007, p. 29): “a virada decolonial é a abertura e a liberdade de pensamento e formas de vida-outros (economias-outros, teorias políticas-outros); a limpeza da colonialidade do ser e do saber; distanciamento da retórica da modernidade e seu imaginário imperial”.

A “decolonidade do olhar” vai em direção contrária à “colonialidade do ver”, conceito derivado da “colonialidade de poder” descrita por Quijano (2005), assim como “colonialidade do saber” e “colonialidade do ser”. De acordo com

Barriendos (2019), a “colonialidade do ver” estabelece um “contraponto tático” entre os outros três níveis da colonialidade,

... o epistemológico (saber), o ontológico (ser) e o corpocrático (ou corpolítico como define Ramón Grosfoguel). Esse contraponto abriria, a partir do ponto de vista deste quadrívio decolonial, um novo campo de análise das maquinarias visuais de racialização que acompanharam o desenvolvimento do capitalismo moderno/colonial. (BARRIENDOS, 2019, p. 41)

A ideia é dar visibilidade à sociedades marginalizadas e à outros corpos, gêneros e sexualidades que não os padrões concretizados pela “colonialidade do ver”, conceito que designa o entrelaçamento complexo entre os saberes eurocêntricos e a reorganização do olhar inaugurada com a conquista da América, que, quando conjugados, produziram uma epistemologia que apagou a cultura local e permitiu a universalização do olhar do colonizador. Para León (2012, p. 116), nesse processo, a visualidade tem profunda imbricação com as hierarquias, “não apenas geográficas, espirituais, étnicas e linguísticas, mas também raciais, de classe, de gênero e sexual”¹.

A “colonialidade do ver” é um dispositivo histórico que, em primeiro lugar, intervém e condiciona a percepção e, logo depois, a consciência, priorizando certos aspectos em detrimento de outros. Assim, o olhar colonial se articula ao redor de diferenças visuais como a pigmentação da pele, os órgãos sexuais, etc., para classificar e hierarquizar a vida social, como aponta Schlenker (*in* RUGERI e outros, 2019, p. 31):

Esse olhar foi treinado para buscar isso, para marcá-lo, e a partir dessa identificação classificá-lo ao longo de uma escala social. [...] O olhar colonial projetava e projeta o mesmo sujeito colonizador a partir da profundidade de seus maiores temores sobre a diferença, aquilo que o angustia e o assombra, aquilo que quer controlar para prover a si mesmo da sensação de superioridade sobre os outros e o mundo.

Decolonizar as imagens, portanto, propõe repudiar as lógicas implícitas no olhar que aprendemos a assimilar do ponto de vista colonial. Isso inclui a representação dos corpos, do gênero e das sexualidades a partir da desconstrução dos padrões estéticos estabelecidos pela colonialidade.

Relações sociais pedem equidade, por isso, minha preocupação em examinar se as imagens dos coletivos universitários expõem essa equivalência. A dinâmica da representação do Outro, da diferença, ultrapassa a simples criação de uma peça visual e se transforma em uma atitude de questionamento, ou, ao contrário, de (re) afirmação da lógica colonial. Para Schlenker (2017, p. 392), as

¹ Tradução própria de: “... no sólo geográficas, espirituales, étnicas, lingüísticas, sino también raciales, de clase, de género y sexuales”.

imagens devem contar as diversas histórias que estão em nosso entorno; devem convidar o espectador a explorar aspectos de alteridade, convertendo-se em ferramenta política “para denunciar, reivindicar, questionar e criticar”.

Deste modo, as imagens postadas pelos coletivos universitários tornam-se referência para seus seguidores nas plataformas digitais *Facebook* e *Instagram*. A partir de minha investigação sobre a construção de sete imagens postadas pelos coletivos supramencionados, procuro inferir se elas promovem a desconstrução da visão colonial a partir de sua estética e podem se tornar comunicações ativas no processo de denúncia e combate à violência de gênero nas universidades.

DECOLONIZANDO CORPOS E REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS

A diversidade de corpos é recorrente nas representações imagéticas criadas pelos coletivos universitários, principalmente os de designação feminista. As Figuras 1 e 2 foram compartilhadas, respectivamente, pelo Coletivo Feminista Genis², criado por alunas do curso de Medicina da UNESP, *campus* de Botucatu/SP; e pelo Coletivo Feminista Bertha Lutz³, ligado a estudantes da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias - FCAV/UNESP. Estas duas ilustrações fazem referência ao acolhimento de calouras e veteranas das universidades e apresentam figuras femininas com distintos corpos, tons de pele, tipos de cabelos e etnias:

Figura 1 – Calouras - Coletivo Genis



Fonte – Perfil do coletivo no *Instagram*⁴

Figura 2 – Sororidade – Coletivo Bertha Lutz



Fonte – Perfil do coletivo no *Instagram*⁵

² Coletivo Genis – UNESP / Botucatu. Facebook: <https://www.facebook.com/coletivogenis> Acesso: 25/02/2022.

³ Bertha Lutz - Coletivo Feminista da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias - FCAV/UNESP. Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/coletivoberthalutz_/ Acesso: 12/12/2021

⁴ Coletivo Genis – UNESP / Botucatu. Facebook: <https://www.facebook.com/coletivogenis> Acesso: 25/02/2022.

⁵ Bertha Lutz - Coletivo Feminista da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias - FCAV/UNESP – Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/coletivoberthalutz_/ Acesso: 12/12/2021

A Figura 3, criada por @amjulia para o *post* do MUDA - Coletivo de Mulheres da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, mostra uma figura feminina, que, se configura como uma síntese de mulheres historicamente excluídas, pois ela tem o cabelo negro e liso da indígena, o desenho com as cores LGBTQIA+ atravessando seu rosto e o brinco roxo que remete à simbologia das lutas pelas diversas identidades de gênero.

Figura 3– Corpo da caloura – Muda/UNICAMP



Fonte – Perfil do coletivo no *Instagram*⁶

Para acolher ingressantes de 2022, o Coletivo Leilane Assunção, de designação LGBTQIA+, ligado à pós-graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP⁷, criou uma ilustração (Figura 4) para seu perfil no *Instagram* que, além da diversidade de etnias, traz também representações de mulheres em diversas condições físicas: grávida, deficiente visual, deficiente auditiva, além de uma em cadeira de rodas. A imagem leva à discussão sobre o capacitismo, um tipo de discriminação que atinge pessoas com deficiências físicas, intelectuais ou sensoriais. Muitos consideram esses indivíduos como incapazes de realizar tarefas do cotidiano, o que acaba determinando a exclusão social desse grupo e gerando mais preconceitos.

⁶ Coletivo Feminista Muda / FCM UNICAMP – *Instagram*: <https://www.instagram.com/mudaunicamp/> Acesso: 14/05/2020.

⁷ Coletivo Leilane Assunção. *Instagram*: <https://www.instagram.com/coletivopgleilaneassuncao/> Acesso: 04/02/2022.

Figura 4 – Convite - Coletivo Leilane Assunção



Fonte – Perfil do coletivo no *Instagram*⁸

O Coletivo Alice Canabrava, ligado à FEA – Faculdade de Economia e Administração da USP compartilhou em 24/11/2019 uma imagem (Figura 5) que trazia três corpos femininos: uma mulher branca de cabelos ruivos, uma segunda mulher de corpo rosa e cabelos lisos e uma mulher negra com cabelos crespos. Além da diversidade de cores de pele, as três mulheres têm corpos considerados fora do padrão, já que vão do sobrepeso à obesidade.

Figura 5 – Corpos – Reunião Final / Coletivo Alice Canabrava



Fonte – Página do coletivo no *Facebook*⁹

Entendo que a ilustração reflete uma oposição à gordofobia, termo que designa a discriminação de pessoas fora do peso considerado ideal por aqueles que julgam que esses corpos são desprezíveis ou repugnantes. Este preconceito associa o excesso de peso de um indivíduo a características de personalidade, o que

⁸ Idem

⁹ Coletivo Alice Canabrava – FEA/USP. Disponível em: <https://www.facebook.com/coletivoalicecanabrava> Acesso: 07/03/2021

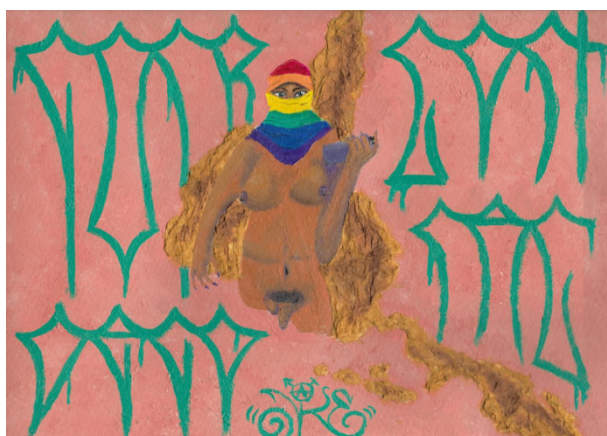
marginaliza pessoas desse grupo, tornam-se potencialmente gatilho para detonar o início ou reforço de problemas de saúde mental relacionados à autoestima.

Esse ódio e pavor é denominado de gordofobia. É uma discriminação que leva à exclusão social e, conseqüentemente, nega acessibilidade às pessoas gordas. Essa estigmatização é estrutural e cultural, transmitida em muitos e diversos espaços e contextos na sociedade contemporânea. O prejulgamento acontece por meio de desvalorização, humilhação, inferiorização, ofensa e restrição dos corpos gordos de modo geral (JIMENEZ, 2020, p. 147).

A iniciativa do coletivo feminista Alice Canabrava em romper, a partir de suas representações gráficas, o modelo de corpo magro e branco difundida pela colonialidade se torna fundamental para a estratégia de descolonização dos corpos, pois pode trazer uma ruptura no círculo de violências às quais estão submetidas mulheres com sobrepeso ou obesas.

O acolhimento à diversidade de gênero e às múltiplas sexualidades é um tipo de conteúdo regularmente abordado nos *posts* dos coletivos universitários, por exemplo, na imagem compartilhada no *Facebook* em 30 de julho de 2020 pelo Coletivo Feminista da ECA – Escola de Comunicações e Artes da USP¹⁰. A ilustração (Figura 6) de autoria de Níke (insta@transviada), traduz de forma impactante os múltiplos sujeitos ancorados na designação “mulher”. A personagem central da imagem é negra, tem olhos amendoados, seios e pênis. Veste um *hijab*, ou *hijabe*, um tipo de véu que cobre a cabeça e os ombros de mulheres muçulmanas.

Figura 6 – Múltiplas mulheres – Coletivo Feminista da ECA



Fonte – Página do coletivo no *Facebook*¹¹

¹⁰ Coletivo Feminista da ECA USP. Facebook: <https://www.facebook.com/feminismoeca> Acesso: 16/04/2021

¹¹ Idem

Esta personagem dá corpo aos vários gêneros e sexualidades que podem estar incorporados ao conceito do que é ser uma mulher. A imagem foi criada para ilustrar um *post* que convidava estudantes para uma reunião sobre o “cuir” decolonial. “Cuir” é um termo utilizado na América Latina como tradução da palavra em língua inglesa *queer*, a qual denomina uma categoria identitária relacionada a indivíduos que não se enquadram no sistema heterocisnormativo. Trata-se de um termo ‘guarda-chuva’, que inclui diversas manifestações de gênero e sexualidades, portanto, que visa desconstruir o binarismo colonial homem-mulher.

QUANDO A “COLONIALIDADE DO VER” POVOA O IMAGINÁRIO

Um caso de não-descolonização do olhar está patente na imagem de capa (Figura 7) do coletivo AFROnta¹². A ilustração revela uma mulher negra em meio a girassóis, porém podemos notar que ela é representada com traços de mulheres brancas – nariz e bocas finos -, ao contrário dos traços marcantes das mulheres negras. Esse detalhe acaba fortalecendo a ideologia do branqueamento que persiste em nossa sociedade.

Figura 7– Foto de capa Coletivo AFROnta



Fonte – Página do coletivo no *Facebook*¹³

O tráfico de escravos ocorrida durante o período colonial acabou por “escurecer” a população, e esse fato não agradou à elite brasileira da época, alinhada aos padrões europeus, o que, de acordo com Daltro (2019, p. 23), estruturou a ideologia do branqueamento “baseada na premissa de que era necessário embranquecer o país uma vez que ser negro era considerado ruim”. Como ressalta a autora, o embranquecimento persiste entre pessoas negras devido

¹² Coletivo AFROnta. Facebook: <https://www.facebook.com/ColetivoAFROnta> Acesso: 24/10/2021.

¹³ Idem

à “desfragmentação identitária”, uma prática alicerçada na estrutura do racismo, que impõe a branquitude como modelo do que é bom e certo.

Ao valorizar a cultura e o biotipo europeu ao mesmo tempo em que escamoteava e estigmatizava os componentes negros da sociedade, o Brasil acabou por criar um registro branco de si mesmo, estabelecendo um modelo de representação no qual os brancos passaram a concentrar todas as características positivas possíveis, enquanto o negro tornava-se a negação de tudo isso (DE MIRANDA, 2009).

O modelo europeu de beleza está arraigado em nossa cultura de tal modo que já não nos damos conta de sua representação, e, por isso, continuamos a adotá-lo. Além disso, vivemos em uma sociedade dominada simbolicamente pelas representações visuais da mídia, o que influencia sobremaneira nosso repertório imagético. Basta recordar as atrizes negras que têm papéis relevantes nas telenovelas brasileiras: Thaís Araújo e Camila Pitanga.

Na história das nossas mídias audiovisuais, o desejo de branqueamento da nação, ideário que já estava consolidado desde o século XIX, acabou por se tornar um peso imagético, uma meta racial que nunca provocou rebeldias. Ao contrário, tornou-se convenção e naturalizou-se como estética audiovisual de todas as mídias, incluindo-se aí especialmente a TV, o cinema e a publicidade (ARAÚJO, 2006, p.73).

Acredito que esse seja o caso da imagem escolhida como capa do Coletivo AFRONta: a utilização de uma imagem que reforça o padrão de traços brancos, e que se aproxima, de forma inconsciente, de um modelo que considera as feições brancas como bonitas e positivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendo as seis primeiras imagens aqui analisadas como peças que promovem e instigam um olhar decolonial; configurando-se um enfrentamento à exclusão e à discriminação dos corpos e das múltiplas identidades de gênero e de sexualidade nos *campi* universitários. Porém, a imagem compartilhada pelo Coletivo AFRONta se rende, de maneira inconsciente, às imagens domesticadas pela “colonialidade do ver”, não reconhecendo seus próprios traços como um indicativo de beleza.

Considero que, ao utilizar a força de distribuição de mensagens propiciada pelas redes sociais online, as imagens decoloniais compartilhadas pelos coletivos universitários têm potencial de tornar visível as violências sofridas e interferir no olhar de outros indivíduos, que podem se identificar com as

demandas dos coletivos e, assim, abrir possibilidades de reflexão e adesão à luta por vivências acadêmicas livres de violências.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Joel Zito. **A força de um desejo-a persistência da branquitude como padrão estético audiovisual.** *Revista USP*, n. 69, p. 72-79, 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/revusp/article/download/13514/15332> Acesso: 19/01/2020

BARRIENDOS, Joaquín. **A colonialidade do ver: rumo a um novo diálogo visual interepistêmico.** Trad. Ariane F. Braga e Leo Name. *Revista Epistemologias do Sul*, v. 3, n. 1, p. 38-56, 2019. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2434> Acesso: 03/08/2021.

DE MIRANDA, Carlos Augusto et al. **Negro, publicidade e o ideal de branqueamento da sociedade brasileira.** *RuMoRes*, v. 3, n. 5, pp. 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51157> Acesso: 15/12/2020.

JIMENEZ, Maria Luisa Jimenez. **Gordofobia: injustiça epistemológica sobre corpos gordos.** *Revista Epistemologias do Sul*, v. 4, n. 1, p. 144-161, 2020. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2643> Acesso: 28/02/2022.

LEÓN, Christian. **Imagen, medios y telecolonialidad: hacia una crítica decolonial de los estudios visuales.** *Aisthesis* [online]. 2012, n.51, pp. 109-123. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/pdf/aisthesis/n51/art07.pdf> Acesso: 23/10/2021.

MIGNOLO, Walter. **La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial.** Gedisa, 2007. Disponível em: <http://www.ceapedi.com.ar/imagenes/biblioteca/libreria/420.pdf> Acesso: 02/04/2021.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** In: LANDER, Edgardo (org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais - perspectivas latinoamericanas.* CLACSO, Buenos Aires: 2005. Disponível em: <https://ufrb.edu.br/educacaodocampocfp/images/Edgardo-Lander-org-A-Colonialidade-do-Saber-eurocentrismo-e-ciC3AAncias-sociais-perspectivas-latinoamericanas-LIVRO.pdf> Acesso: 06/12/2018.

RUGERI, M. e outros. **Entrevista - Alex Schlenker: descolonizar a arte para retomá-la como expressão da vida.** Trad. Lívia S. de Souza. *Revista Epistemologias do Sul*, v. 3, n. 1, p. 22-35, 2019. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2433> Acesso: 03/11/2021.

SCHLENKER, Alex. **Rumo a uma memória decolonial: breves apontamentos para indagar sobre o acontecimento por trás do acontecimento fotográfico.** *Revista Epistemologias do Sul*, v. 3, n. 1, p. 74-91, 2019. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2433> Acesso: 09/11/2021.

_____. “Mirar, conocer, actuar - cuando el arte interpela al capital” in WALSH, Catherine (org.). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re) existir y (re) vivir.** Tomo II. Quito/Ecuador: Ediciones Abya-Yala 2017. Disponível em: <http://8.242.217.84:8080/xmlui/handle/123456789/32966> Acesso: 13/12/2021.